

CRIAR O FUTURO

Fabiano Viana Andrade

*Astronauta libertado
Minha vida me ultrapassa
Em qualquer rota que eu faça
Dei um grito no escuro
Sou parceiro do futuro
Na reluzente galáxia (Tom Zé)*

Educação do Futuro ou um Salto para Dentro

Muito impulsionado pelas reflexões solitárias proporcionadas pelos desafios em lecionar na Educação Básica pública deste estado que convive, estarecido, com uma combinação, no mínimo, pitoresca entre violência, corrupção e conservadorismo, costumava pensar a educação do futuro tecnológica, tendo em vista as transformações culturais pelas quais estamos inseridos.

Adentrei assim neste campo por alguns anos. Me especializei e fiz mestrado como um entusiasta, mas jamais ingênuo, de que certamente perpassaria pela tecnologia, o salto educacional tão esperado. Para isso, convoquei Deleuze e Guattari, num diálogo com Bauman e Sibilis, onde, por mim, encontrei pistas de como seria essa tal educação que eu buscava. Atento as transformações culturais, coloquei lado a lado a cultura escolar - rígida, vertical e pouco dialógica e a cultura digital - onde a fluidez, diálogo e comunicação instantânea montam e fortalecem um processo de interação em tempo real. Me encantei pelo rizoma e hoje trago neste pequeno texto algumas das considerações a respeito do tema proposto.

O termo rizoma é oriundo da botânica e significa a extensão de um caule com crescimento rasteiro que cresce horizontalmente no substrato capaz de produzir sucessivos brotos e se conectar das mais diversas formas. O rizoma se caracteriza pela capacidade de emitir novas ramificações e pode ser encontrado em diferentes espécies de plantas.

No contexto interdisciplinar de Deleuze e Guattari (2010), o saber produzido rizomaticamente transcende os procedimentos hierárquicos, não possui um centro a se submeter e deve ser composto por múltiplas entradas e conexões, relacionando os diferentes tipos de

saberes sobre as mais diversas possibilidades. Mas não é só isso, para os autores, o pensamento rizomático se faz a partir e através de alianças, intercessores, afetos, devires e heterogêneses, independentemente de uma lógica hegemônica. O conceito de rizoma materializa esse processo. Pensar uma aula rizomática é pensar a liberdade de percurso que o estudante deve seguir, é transbordar os planos definidos e libertar o estudante para novos percursos e, portanto, para novos recursos.

Sendo assim, a noção de aprendizado, trabalhado por Deleuze, é justamente a ausência de hierarquia, onde o aprendizado está diretamente relacionado ao contato com diferentes conexões e um conjunto de signos que promovem sentido ao saber provocado pelo professor e que pode e deve trilhar caminhos inovadores dentro da lógica docente/discente. Pensar uma educação do futuro a partir dos princípios rizomáticos é esperar que alunos e professores se conectem as mais diversas redes de comunicação. É esperar que o professor disponha de determinados elementos e permita a liberdade do estudante para organizar os seus desdobramentos. Essa é a autonomia que se espera do estudante do século XXI conectado aos princípios rizomáticos (DELEUZE; GUATTARI 1995).

Pensar um modelo de educação considerando a conformação do rizoma significa romper com o modelo tradicional vigente, onde o professor apresenta-se como centro do saber e os alunos meros receptores. É pensar uma educação que está para além da hierarquia instrumentalizadora ainda comum nos espaços de ensino e aprendizagem e ir além: pensar uma educação rizomática no século XXI é necessário propostas que encaminhem os participantes para novos conhecimentos e atitudes requeridas pelo novo estágio de desenvolvimento da sociedade onde as Tecnologias da Informação e Comunicação (TDIC) assumem papel fundamental uma vez que pensar um modelo de educação-rizoma é considerar também considerar as práticas educativas que incluam indivíduos interligados em uma sociedade em rede, na qual os meios de aprendizagem e conhecimentos já não são mais os mesmos – os alunos não são mais os mesmos e a escola precisa acompanhar essa mudança.

Considerar o uso das Tecnologias digitais em sala de aula frente ao modelo tradicional uniformizante de ensino significa romper com o modelo cultural que marginaliza a cultura digital do aluno e compreender, sobretudo, que as TDIC apresentam-se como ferramentas fundamentais para o processo de comunicação transversal e construção do pensamento rizomático em sua forma mais pura, tendo em vista as infinitas possibilidades de conexões e trocas entre as mais diversas linhas de fuga que contribuem para produção de acontecimentos formativos, dentre os mais diferentes modos de ser e pensar.

Referências

BAUMAN, Z. **La cultura como práxis**. Buenos Aires. Ed. Paidós, 2012.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. s/d. [ed. original: 1972] 1997. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34

SIBILIA, P. **Redes ou paredes. A escola em tempos de dispersão**. Vera Ribeiro (trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Sobre o autor:

Fabiano Andrade é doutorando pelo Proped/UERJ, mestre em Ensino de História, professor por angústia e altruísmo, artista plástico do barro e observador de pessoas, plantas e raízes.